

**PROJETO
INSTITUCIONAL DE
INTERNACIONALIZAÇÃ
o UNISINOS**

**Ecosystemas de
Inovação**

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
2	GRUPO GESTOR	4
3	ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO	4
3.1	PPGs Participantes	5
3.2	Países Parceiros	6
3.3	Objetivos	7
4	ITENS FINANCIÁVEIS	8
4.1	Missões	8
4.2	Recursos para manutenção de projetos	9
4.3	Bolsas no Exterior	9
4.3.1	<i>Doutorado Sanduíche</i>	9
4.3.2	<i>Professor Visitante Junior (antigo pós-doutorado com vínculo empregatício)</i>	11
4.3.3	<i>Professor Visitante Sênior (antigo estágio sênior no exterior)</i>	12
4.3.4	<i>Capacitação em cursos de curta duração ou “summer/winter schools”</i>	12
4.4	Bolsas no País	12
4.4.1	<i>Professor Visitante</i>	12
5	PROJETO	13
6	OUTRAS INFORMAÇÕES	36

1 INTRODUÇÃO

O Projeto Institucional de Internacionalização (PII) da Unisinos, submetido à CAPES, no âmbito do Programa Institucional de Internacional, Edital nº041-2017, foi aprovado em agosto de 2018. O PII busca consolidar a política de internacionalização da universidade para o período compreendido entre 2018-2021, que visa à concentração de esforços em três áreas temáticas prioritárias, previstas em seu PDI: (a) Inovação e Empreendedorismo; (b) Microeletrônica e; (c) Saúde e Tecnologia.

Estas três áreas foram mobilizadas através do desenvolvimento de pesquisas, missões de trabalho e diversas ações de interação no cenário global, por quatro temas: **1) IoT e Saúde, 2) Indústria 4.0, 3) Ecossistemas de inovação, e 4) Transformação digital e Humanidades**. A integração entre as três áreas prioritárias que serão mobilizadas pelos temas deram origem a 4 projetos de pesquisa em cooperação internacional capazes de promover uma ampla e sistêmica sinergia entre os PPGs da Universidade, conectando de forma interdisciplinar e inédita 70 professores e mais de 400 alunos oriundos de 5 programas de pós-graduação. Como apenas PPGs com nota maior que 4 poderiam usufruir dos recursos desse edital, os que se adequaram a proposta foram o **PPG em Administração, Computação Aplicada, Comunicação, Design e Educação**.

O projeto de internacionalização da Unisinos prevê que, nos próximos 4 anos, a instituição se torne referência nacional no estudo de hospitais, fábricas inteligentes, ecossistemas de inovação e impactos da transformação digital em processos sociais, à medida que não descuida da sua vocação vinculada a humanidades e tecnologia. Isso significa que o Programa Capes Print apresenta uma possibilidade de fortalecer a presença física internacional da Unisinos de forma interdisciplinar a partir da ampliação das redes de contatos nas universidades parceiras nos temas estratégicos e permite posicionar a Unisinos nos clusters globais de pesquisa e inovação, a fim de consolidar a visão de torná-la uma universidade de classe mundial.

O projeto objetiva também oferecer à sociedade um conjunto qualificado de resultados de estudos e tecnologias que tenham estreita relação com os interesses das políticas internacionais, especialmente vinculando as ações do PII Unisinos às ações de desenvolvimento sustentável da ONU. Nacionalmente, pretende-se subsidiar as decisões de políticas públicas e ações governamentais, como por exemplo, as políticas de desenvolvimento industrial, política nacional de Gestão de Tecnologias em Saúde, Estratégia Brasileira para a Transformação Digital – E-Digital, o Grupo de Trabalho para estratégia Nacional da Indústria 4.0, entre outros assuntos estratégicos vinculados aos Ministérios da Saúde, Educação, Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação.

A concessão aprovada inclui recursos para gastos com missões de trabalho, bolsas de estudo e recursos de material de consumo no valor total de até **R\$ 6.167.610,08** para os 04 (quatro) anos de projeto institucional. As atividades da primeira fase devem iniciar em 2019 e encerram em

04/11/2020, quando haverá uma avaliação parcial para renovação do projeto. Caso seja renovado, o projeto continuará até 04/11/2022.

2 GRUPO GESTOR

Para gerir o Projeto Institucional de Internacionalização concedido pela Capes, a Unisinos convidou um grupo de pesquisadores que atendiam as demandas do edital. Todos deveriam ser professores ativos e orientadores em programas de pós-graduação stricto sensu, com vínculo empregatício permanente na instituição, liderança acadêmica e experiência internacional nas áreas definidas como prioritárias, incluindo, pelo menos, 1 (um) membro estrangeiro vinculado a uma IES/IP no exterior. O grupo é liderado pelo Pró Reitor Acadêmico e de Relações Internacionais.

Grupo Gestor da Unisinos

1. Prof. Dr. Alsones Balestrin - Pró-Reitor Acadêmico e de Relações Internacionais e Professor do PPG em Administração e do MP Gestão e Negócios;
2. Profa. Dra. Dorotea Kersch - Diretora da Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação e Professora do PPG em Linguística Aplicada;
3. Profa. Dra. Claudia Bitencourt - Decana da Escola de Gestão e Negócios e Professora do PPG em Administração;
4. Profa. Dra. Maura Lopes - Decana da Escola de Humanidades e Professora do PPG em Educação;
5. Prof. Dr. Carlo Franzato - Decano da Escola de Indústria Criativa e Professor do PPG Design;
6. Prof. Dr. Sandro Rigo - Decano da Escola Politécnica e Professor do PPG em Computação Aplicada;
7. Profa. Dra. Adriana Amaral - Professora do PPG Ciências da Comunicação;
8. Prof. Dr. Leonel Severo Rocha – Professor do PPG Direito;
9. Prof. Dra. Gelsa Knijnik – Professora do PPG Educação;
10. Prof. Dr. Emmanuel Raufflet - HEC Montreal, Canadá;
11. Prof. Dr. Flaviano Celaschi - Università di Bologna, Itália.

3 ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO

A inovação é desenvolvida em um ambiente complexo, auto-regulado e auto-organizado semelhante a uma floresta tropical (Hwang e Horowitz, 2012), onde a interação e os processos criativos tornam-se elementos-chave para entender um contexto institucional inovador. O desenvolvimento de ecossistemas de empreendedorismo e inovação pressupõe o entendimento de que a forma de criar negócios mudou em todo o mundo e a cultura do isolamento deve ser substituída pela cultura da

interação e das relações interorganizacionais. A Unisinos já é reconhecida no cenário nacional pelas pesquisas dedicadas ao fenômeno das redes de cooperação e vem atuando constantemente em projetos colaborativos junto ao governo do Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, assinou, em abril de 2018, uma “aliança pela inovação de Porto Alegre”, em que visa a ser protagonista de diferentes ações para o desenvolvimento do ecossistema onde se insere. Recentemente, a Unisinos se envolveu de forma empreendedora na atração de uma das maiores fábricas de produção de semicondutores da América Latina para seu parque tecnológico, sendo reconhecida pela transformação do ecossistema e tendo se transformado em um case de universidade empreendedora. Foi indicada ao prêmio “Place Marketing Forum” em 2018, realizado na França, que reconhece anualmente as melhores práticas para o desenvolvimento e a promoção de territórios ao redor do mundo. Assim, este tema tem amplo destaque interdisciplinar nas ações e nas pesquisas desenvolvidas por diferentes PPGs na Unisinos. Ainda, a atenção para este tema se comunica com outras ações globais para o desenvolvimento sustentável à medida que potencializa a construção de infraestruturas resilientes, promove a industrialização inclusiva e sustentável e fomenta a inovação, ou seja, está intimamente ligado ao objetivo “9” – indústria, inovação e infraestrutura, ao objetivo “11” – cidades e comunidades sustentáveis e “15”- vida terrestre, da agenda de desenvolvimento sustentável da ONU. Este tema mobiliza as áreas prioritárias definidas pela Unisinos em seu plano de internacionalização à medida que vai focar a atenção no entendimento dos diferentes atores e dos mais diferentes processos criativos existentes em um ecossistema. Ainda, o desenvolvimento de pesquisas que mobilizam o tema “ecossistemas de inovação” permitirá que a Unisinos se posicione no cenário internacional através da interação com importantes instituições pertencentes aos clusters globais de inovação.

3.1 PPGs Participantes

Administração

As próprias linhas de pesquisa desses PPGs denotam à aderência ao tema. Assim, no Programa Acadêmico, destacam-se as linhas: (1) estratégias e (2) competitividade e relações inteorganizacionais. A primeira linha volta o seu olhar tanto para o ambiente externo quanto para o ambiente interno da empresa, combinando atenções em termos de posicionamento de mercado, escolhas estratégicas e gestão de recursos. As principais áreas do conhecimento abordadas pela linha referem-se a (1) negócios internacionais; (2) estratégia em serviços; (3) sustentabilidade; (4) estudos de mercado, consumo e aquisição; (5) estruturação e organização dos recursos e das capacidades. A segunda linha investiga a gestão em sistemas complexos de interações entre organizações que estabelecem vantagens competitivas individuais e coletivas em setores industriais e de serviços. As principais áreas do conhecimento abordadas pela linha referem-se a (1) relações interorganizacionais, (2) inovação (3) gestão tecnológica e competitividade organizacional, em uma perspectiva que dialoga com estudos provenientes de áreas correlatas, como a Economia, a Sociologia e a Psicologia. Ambas as linhas

abordagem o tema em questão, mas a segunda dedica-se mais especificamente aos estudos na área de empreendedorismo e inovação.

Design

O Programa de Pós-Graduação em Design da Unisinos tem como área de concentração o design estratégico. Nessa direção, os objetos de projeto, tradicionalmente limitados aos atributos materiais dos artefatos, tiveram sua ênfase expandida. As relações interorganizacionais e os ecossistemas de inovação nos quais os projetos são inseridos passaram a constituir pontos fundamentais de análise para os pesquisadores, já que não se pode compreender o Design descontextualizado. As redes de relações entre organizações são tratadas como parte de um ecossistema no qual os elementos não são dissociáveis. No contexto descrito, os processos criativos característicos do Design representam uma importante via de avanço para as organizações, já que a cultura de projeto da área privilegia a criatividade, as redes interorganizacionais de colaboração e a perspectiva ecossistêmica que os cerca.

3.2 Países Parceiros

As atividades financiadas dentro desse tema deverão se restringir aos seguintes países:

1. Alemanha
2. Canadá
3. Espanha
4. Estados Unidos da América
5. França
6. Itália
7. Noruega
8. Reino Unido

Poderão ser incluídos novos países, respeitando a regra de que ao menos 70% dos recursos sejam destinados às parcerias com instituições de países com os quais a Capes mantém cooperação efetiva, listados no Anexo I do Edital 41/2018.

As parcerias com instituições estrangeiras deverão priorizar aquelas que prevejam isenção ou redução de taxas acadêmicas, administrativas ou de bancada ou outras contrapartidas oferecidas por entidades estrangeiras, uma vez que a CAPES não disponibilizará recursos para esse fim.

Também deverão estar formalizadas as parcerias da Unisinos com a(s) IES estrangeira(s) por meio de instrumentos de colaboração internacional, como Acordos de Cooperação, Convênios, memorandos de

Entendimento, ou outro instrumento congênere. Para maiores informações, consulte a Assessoria de Relações Internacionais (arin@unisinos.br).

3.3 Objetivos

OBJETIVO	AÇÕES	INDICADOR	META
Consolidar Redes interdisciplinares de pesquisa e promover o Sistema Unisinos de C&T&I	Seminário Internacional	Número de Participantes	Atual: 0 2º ano: 70 Final: 130
		Número de Artigos Científicos e Tecnológicos Submetidos	Atual: 0 2º ano: 20 Final: 40
		Avaliação dos participantes	Atual: - 2º ano: bom Final: ótimo
	Summer School	Número de participantes	Atual: 0 2º ano: - Final: 40
		Avaliação dos participantes	Atual: - 2º ano: - Final: ótimo
	Academia da Inovação	InovaNet	Atual: 0 2º ano: 0 Final: 1
		Número de Membros na Rede InovaNet (instituições)	Atual: 0 2º ano: 5 Final: 10
		Nível de Interação entre os Membros na Rede InovaNet	Atual: - 2º ano: baixo Final: médio
		Ações Conjuntas Desenvolvidas pela Rede	Atual: 0 2º ano: 1 Final: 3
	Tornar a Unisinos referência em assuntos que	Ebook	Ebook

envolvam relações interorganizacionais e processos criativos em ecossistemas de inovação			Final: 1
Gerar conhecimento sobre o processo de criação e desenvolvimento de ecossistemas de inovação a partir de benchmarks, estudos de caso e práticas diversas no contexto dos países parceiros	Realizar estágios doutorais no exterior	Número de Alunos que realizaram estágio doutoral no tema	Atual: 2 2º ano: 6 Final: 14
	Desenvolvimento de artigos de impacto internacional em conjunto	Publicações Conjuntas	Atual: 12 2º ano: 14 Final: 16
		Fator de Impacto das Publicações	Atual: bom 2º ano: ótimo Final: ótimo
	Ampliar a quantidade de projetos de pesquisa em conjunto	Projetos de Pesquisa em Conjunto	Atual: 7 2º ano: 12 Final: 14
	Realizar dupla titulação /cotutela no exterior	Número de cotutelas/dupla titulação no tema	Atual: 1 2º ano: 1 Final: 2
	Realizar missões de trabalho em instituições parceiras	Número de Missões Realizadas	Atual: 0 2º ano: 10 Final: 20
	Realizar estágios pós-doutorais no exterior	Número de professores que realizaram estágio pós-doutoral no tema	Atual: 5 2º ano: 8 Final: 17

4 ITENS FINANCIÁVEIS

4.1 Missões

Incluem auxílio-deslocamento, auxílios para diárias de 7 dias e auxílio referente a seguro de saúde e de viagem. Poderão ser realizadas em caso de:

- Atividades relacionadas à execução de projetos de cooperação

- Apresentação de resultados de pesquisa em congressos e eventos internacionais de maior expressão na área de conhecimento, com possibilidade de visitas técnicas em instituições para prospecção de eventuais parcerias.
- Atividades realizadas por membros do Grupo Gestor ou representantes indicados, voltadas à viabilização das ações de internacionalização do Projeto Institucional de Internacionalização.

Valor médio orçado por missão é de **R\$ 17.100,00**. Os editais de seleção para beneficiários de missão serão divulgados na página www.unisinos.br/global/pt.

O Grupo Gestor será responsável pela seleção dos beneficiários de missões não vinculadas a projetos, enquanto o Coordenador de Projeto poderá selecionar beneficiários entre os membros da equipe do seu projeto. Lembrando que, um mesmo membro docente/pesquisador da equipe, excetuando-se o seu coordenador, não poderá realizar mais de uma missão de trabalho por ano ou em anos consecutivos de vigência do projeto.

A compra de passagens para missão de trabalho é realizada pelo beneficiário do AUXPE, Pró-reitor ou coordenador de projeto.

4.2 Recursos para manutenção de projetos

Os recursos para manutenção de projeto serão geridos pelo coordenador do projeto e podem ser utilizados para: a) material de consumo, destinado à compra de material necessário ao funcionamento do projeto; b) serviço de terceiros (pessoa jurídica): referente a pagamento de fornecedores de material ou serviço, mediante nota fiscal detalhada; c) serviço de terceiros (pessoa física): referente a pagamentos mediante recibo à pessoa sem vínculo com a instituição principal ou associada, com a Administração Pública ou com o Programa, para a realização de tarefa específica que contribua para o alcance dos objetivos do projeto, desde que aprovado pela Capes.

4.3 Bolsas no Exterior

4.3.1 Doutorado Sanduíche

Na modalidade de doutorado sanduíche no exterior, alunos regularmente matriculados em cursos de doutorado no Brasil realizam parte do curso em instituição no exterior, retornando e devendo permanecer no Brasil para a integralização de créditos e defesa de tese.

As bolsas são destinadas aos alunos regularmente matriculados em curso de doutorado no Brasil (com notas de 4 a 7 na avaliação quadrienal do ano de 2017 da Capes) e que comprovem qualificação para

usufruir, no exterior, da oportunidade de aprofundamento teórico, coleta ou tratamento de dados, ou desenvolvimento parcial da parte experimental da tese a ser defendida no Brasil.

Os candidatos deverão apresentar comprovante válido de proficiência para o idioma do país de destino ou idioma de trabalho aceito pela IES de destino de forma a atender aos requisitos mínimos da Capes conforme a seguir:

Idioma	Certificado	Validade	Pontuação
Inglês	TOEFL IBT	2 (dois) anos	mínimo de 79 pontos
	TOEFL ITP	2 (dois) anos	mínimo de 550 pontos
	IELTS	2 (dois) anos	mínimo total de 6,5, sendo que cada banda (listening, reading, writing e speaking) deve ter nota mínima de 5,0
	Cambridge Exams	Sem validade	equivalente a B2
Francês	Test de Connaissance du Français - TCF	2 (dois) anos	mínimo de B2
	Test de Connaissance du Français – TCF CAPES	2 (dois) anos	mínimo de B2
	DELF	Sem validade	mínimo de B2
	DALF	Sem validade	mínimo de B2
Alemão	Goethe-Zertifikat	Sem validade	mínimo de B2
	TestDaF	Sem validade	mínimo de TDN 3
	Deutsche Sprachprüfung für den Hochschulzugang	Sem validade	mínimo de DSH 1
	OnSET	Sem validade	mínimo de B2
Espanhol	DELE	Sem validade	mínimo de B2
Italiano	Teste Lato Senso do Instituto Italiano de Cultura – IIC	1 (um) ano	mínimo de B2
	Certificado Universidade de Perugia	Sem validade	mínimo CELI3
	Certificado Universidade de Siena	Sem validade	mínimo CILS DUE-B2

Candidatos com destino a países de línguas não especificadas anteriormente devem apresentar certificado de proficiência no idioma do país, emitido por instituição oficialmente reconhecida, ou uma das alternativas relacionadas acima, desde que aceita pela instituição onde se realizará os estudos,

juntamente com algum documento da instituição pretendida que comprove a aceitação do referido certificado.

O candidato que pleitear bolsa para instituição de **destino de países de língua portuguesa** deverá, obrigatoriamente, apresentar a **comprovação de proficiência em inglês**.

Candidatos que comprovarem ter residido em um determinado país há no máximo 5 (cinco) anos, por um período superior a 12 (doze) meses, com evidência de certificado de estudos acadêmicos formais (diploma ensino médio, de escola técnica, de graduação ou de pós-graduação) lá obtido, estão dispensados da apresentação do certificado de proficiência na língua desse país.

Será considerada como limite de validade dos testes de proficiência o último dia de inscrição do respectivo processo seletivo para a bolsa pleiteada.

O candidato a bolsa deve apresentar o resultado do teste de proficiência no momento especificado pelo o instrumento de seleção promovido pela IES contemplada no âmbito do Programa Capes-PrInt. O edital de seleção informará se o comprovante de proficiência deve ser apresentado no momento da inscrição do candidato ou da implementação da bolsa.

Além destes requisitos, o candidato também deverá atender aos requisitos da instituição estrangeira.

Caso o bolsista vá redigir a tese ou dissertação em uma língua diferente da do país de estudos, deverá apresentar teste de proficiência da língua do país de estudo com nota mínima equivalente a A2 e nota mínima equivalente a B2 para a língua que redigirá a tese ou dissertação, em ambos os casos considerando-se o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas.

A CAPES não realizará pagamento integral de taxas administrativas e acadêmicas (tuition and fees) ou taxas de bancada (bench fees) às instituições parceiras estrangeiras.

O repasse das bolsas será feito diretamente pela CAPES ao bolsista.

Os editais de seleção serão divulgados na página www.unisinos.br/global/pt.

4.3.2 Professor Visitante Junior (antigo pós-doutorado com vínculo empregatício)

São elegíveis professores ou pesquisadores, com vínculo empregatício, que possua até 12 (doze) anos (em revisão pela CAPES) de doutoramento, tendo por referência o último dia para a inscrição no processo seletivo.

Candidatos deverão apresentar um documento da IES de destino informando que o candidato possui proficiência na língua suficiente para as atividades propostas ou algum dos certificados de proficiência exigido pela IES de destino.

Os editais de seleção serão divulgados na página www.unisinos.br/global/pt.

4.3.3 Professor Visitante Sênior (antigo estágio sênior no exterior)

São elegíveis professores ou pesquisadores, com vínculo empregatício, que possua mais de 12 (doze) anos de doutoramento, tendo por referência o último dia para a inscrição no processo seletivo.

O Coordenador de projeto de pesquisa em cooperação internacional poderá se candidatar como beneficiário de bolsa de estudo, em qualquer modalidade, no âmbito do PII, desde que renuncie a posição. Em contrapartida, é vedada a candidatura como beneficiário de bolsa de estudo no âmbito do mesmo projeto de pesquisa em cooperação internacional em que era coordenador.

Candidatos deverão apresentar um documento da IES de destino informando que o candidato possui proficiência na língua suficiente para as atividades propostas ou algum dos certificados de proficiência exigido pela IES de destino.

Os editais de seleção serão divulgados na página www.unisinos.br/global/pt.

4.3.4 Capacitação em cursos de curta duração ou “summer/winter schools”

Bolsa para capacitação em cursos de curta duração ou “summer/winter schools” no exterior, com vigência de até 1 mês, ou auxílios para participação em cursos a distância (MOOCs etc), voltada para discentes de pós-graduação vinculados a projeto de pesquisa em cooperação internacional ou corpo técnico da IES/IP.

Os editais de seleção serão divulgados na página www.unisinos.br/global/pt.

4.4 Bolsas no País

4.4.1 Professor Visitante

Essa bolsa objetiva a atração de professores de renome atuantes e residentes no exterior para proferir cursos, treinamentos, palestras ou seminários presenciais, com vigência mínima de 2 meses e máxima de 3 meses, divididos em até 3 períodos ao longo da duração do Projeto Institucional de Internacionalização.

Nas atividades de docência realizadas, deverá ser realizada gravação para transmissão on-line e posterior disponibilização, sempre que possível.

Os candidatos estrangeiros que não forem falantes nativos de língua portuguesa ou inglesa deverão atender a um dos 3 requisitos a seguir:

1. Comprovar o domínio de uma destas línguas por meio de documento da IES anfitriã que informe que o interessado possui proficiência linguística suficiente para as atividades propostas;
2. Apresentar, para língua portuguesa, certificado Celpe-Bras; ou
3. Apresentar, para a língua inglesa, um dos certificados descritos na tabela abaixo:

Idioma	Certificado	Validade	Pontuação
Inglês	TOEFL IBT	2 (dois) anos	mínimo de 79 pontos
	TOEFL ITP	2 (dois) anos	mínimo de 550 pontos
	IELTS	2 (dois) anos	mínimo total de 6,5, sendo que cada banda (listening, reading, writing e speaking) deve ter nota mínima de 5,0
	Cambridge Exams	Sem validade	equivalente a B2

Os editais de seleção serão divulgados na página www.unisinos.br/global/pt.

5 PROJETO

Para cada tema escolhido, a Unisinos criou um projeto de pesquisa em cooperação internacional para incentivar a transdisciplinariedade e contemplar os PPGs envolvidos com recursos e bolsas. As informações já repassadas a CAPES em relação a projeto dentro desse tema foram:

Nome do projeto	Desenvolvimento de Ecossistemas de Inovação
Coordenador	Prof. Dr. Daniel Puffal
Descrição informada no projeto preliminar	Os Ecossistemas de Inovação são abordados por meio de uma perspectiva sistêmica, na qual a inovação não é uma característica própria dos elementos que constituem o sistema socioeconômico, mas dos processos que surgem na prática das relações que intercorrem entre os elementos, considerando os aspectos tecnológicos e sociais. Uma organização é inovadora no momento que consegue participar com protagonismo desse enredo processual que se chama "ecossistema de inovação", visando a sustentabilidade. No escopo da internacionalização, hoje auxiliada pelas tecnologias da informação e da comunicação, tais ecossistemas ultrapassam os limites geográficos, podendo-se desdobrar pelas conexões

globais. A análise organizacional no mundo contemporâneo, portanto, passou a enfatizar ligações interorganizacionais. Assim, o ambiente passa a ser considerado um fator cujas influências nas estruturas organizacionais determinam algumas das características das organizações. E neste cenário, despontam estudos que analisam as relações entre instituições e eficiência, sendo uma de suas vertentes direcionada à compreensão dos ambientes ou ecossistemas de inovação. A compreensão atual dos ecossistemas de inovação é caracterizada por um foco em instituições, como empresas, universidades, investidores, governos e suas interações. Embora exista uma vasta literatura sobre a dinâmica inovação em ecossistemas, os estudos recentes não têm identificado práticas, processos, recursos e ações que se tornam fundamentais neste cenário. Apesar deste amplo desenvolvimento de estudos que envolvam ecossistema de inovação, algumas lacunas de conhecimento foram identificadas, para as quais pretende-se aportar algumas contribuições: a) identificação das práticas, processos, ferramentas e recursos mais eficazes na promoção destes ambientes; b) avaliar a importância da universidade na transformação de ecossistemas de inovação; c) compreender como a ação da universidade pode ser influenciada por outros atores existentes no ecossistema; d) entender os esforços para aumentar a competitividade de empresas intensivas em conhecimento nestes cenários, e) reconhecer os projetos interorganizacionais para a inovação social em ecossistemas; f) compreender a inovação a partir de uma lógica sustentável; g) estudar novas tecnologias e como elas afetam as relações sociais e estratégia de empresas em ecossistemas de inovação, etc.

Data Início do Projeto	Data Término do Projeto	Duração
<i>Virá preenchido</i>	<i>Virá preenchido</i>	<i>Virá preenchido</i>
Área de Conhecimento		
INTERDISCIPLINAR		
Descrição do Projeto (2500 caracteres)		
<i>Apresentação concisa dos pontos relevantes do projeto, capaz de informar o seu conteúdo de forma suficiente ao leitor.</i>		

O foco central da presente proposta visa o entendimento de “Ecosistemas de inovação” a partir de um olhar interdisciplinar sobre o papel desempenhado por diferentes atores e suas interações em diferentes contextos. A motivação em entender melhor a dinâmica de cooperação, empreendedorismo e de inovação dentro desses ambientes é gerada pelas evidências empíricas encontradas pelos pesquisadores vinculados ao projeto em estudos precedentes, pelo crescente interesse das pesquisas internacionais, pela importância estratégica dos ecossistemas de inovação para o desenvolvimento econômico, social e científico do Brasil. Tal relevância empírica e acadêmica do tema em questão é apontado pela literatura, destacando fortes evidências que o movimento competitivo, especialmente em indústrias intensivas em conhecimento não ocorre, senão, dentro de ambientes de forte dinâmica colaborativa e de imbricação institucional entre diversos atores, como, governo, universidades, empresas e demais entes da sociedade civil organizada. Seja na América do Norte, na Europa, na Ásia ou na América Latina as empresas grandes ou pequenas, sobretudo no contexto de alta tecnologia, escolhem basicamente dois caminhos: estar fisicamente instaladas em um ambiente de inovação regional ou estarem física ou virtualmente conectadas em ambientes de inovação de classe mundial, localizados em outros países. Diante desse cenário, coloca-se como questões para o presente projeto de pesquisa: Quais são as principais características dos ecossistemas de inovação? Como são estruturadas e desenvolvidas as práticas colaborativas nesses ambientes? Qual é o papel das políticas públicas no desenvolvimento de ecossistemas de inovação? Qual é o papel das universidades no desenvolvimento de ecossistemas de inovação? Quais as principais diferenças ou semelhanças na dinâmica de colaboração entre os atores desses ambientes? Como ocorre a governança da cooperação nos ecossistemas estudados? Para responder a esses questionamentos o grupo interdisciplinar de pesquisadores usará lentes teóricas de dois campos do conhecimento, Administração e Design Estratégico, cuja articulação pode promover importantes sinergias na compreensão dos processos de projeto, gestão, empreendedorismo e inovação.

Contexto do Projeto (3000 caracteres)

Descrição sumário do contexto social no qual os resultados do projeto serão aplicados e de onde surgiu o problema de pesquisa, bem como a menção à existência de projetos semelhantes implementados ou em implementação nesse contexto, se for o caso, e como seu projeto se enquadra nesse cenário.

Este tema mobiliza as áreas prioritárias definidas pela Unisinos em seu plano de internacionalização à medida que foca a atenção no entendimento dos diferentes atores e dos mais diversos processos criativos existentes em um ecossistema. Ainda, o desenvolvimento de pesquisas que mobilizam o tema “ecossistemas de inovação” permitirá que a Unisinos se posicione no cenário internacional

através da interação com importantes instituições pertencentes aos clusters globais de inovação. A Unisinos já é reconhecida no cenário nacional pelas pesquisas dedicadas ao fenômeno das redes de cooperação e vem atuando constantemente em projetos colaborativos junto ao governo do Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, assinou, em abril de 2018, uma “aliança pela inovação de Porto Alegre”, em que visa a ser protagonista de diferentes ações para o desenvolvimento do ecossistema onde se insere. Recentemente, a Unisinos se envolveu de forma empreendedora na atração de uma das maiores fábricas de produção de semicondutores da América Latina para seu parque tecnológico, sendo reconhecida pela transformação do ecossistema e tendo se transformado em um case de universidade empreendedora. Foi indicada ao prêmio “Place Marketing Forum” em 2018, realizado na França, que reconhece anualmente as melhores práticas para o desenvolvimento e a promoção de territórios ao redor do mundo. Assim, este tema tem amplo destaque interdisciplinar nas ações e nas pesquisas desenvolvidas por diferentes PPGs na Unisinos. Ainda, a atenção para este tema se comunica com outras ações globais para o desenvolvimento sustentável à medida que potencializa a construção de infraestruturas resilientes, promove a industrialização inclusiva e sustentável e fomenta a inovação, ou seja, está intimamente ligado ao objetivo “9” – indústria, inovação e infraestrutura, ao objetivo “11” – cidades e comunidades sustentáveis e “15”- vida terrestre, da agenda de desenvolvimento sustentável da ONU.

Problema (3000 caracteres)

Uma análise de diferentes regiões inovadoras ao longo da história demonstra que existem fatores comuns de êxito, como classe média relativamente forte, igualdade social, mecanismos de mercado e colaboração, papel ativo das instituições de formação profissional, empreendedorismo, financiamento dinâmico e base tecnológica (JUCEVICIUS, 2007). O mesmo autor argumenta que a real expressão destes parâmetros difere nos diversos contextos culturais-institucionais, porém o ecossistema como um todo é exatamente o mesmo em todos os parâmetros, representando apenas diferentes combinações dos fatores elencados.

Já Durst e Poutanen (2013) listam diferentes fatores para a implementação bem-sucedida de ecossistemas de inovação: governança, estratégia, liderança, cultura organizacional, gerenciamento de recursos humanos, parcerias estratégicas, empreendedores e tecnologia. No entanto, os autores destacam que a dimensão da governança desempenha um papel central, dado os diferentes atores e, portanto, os desafios de comunicação que precisam ser enfrentados nesse sistema. Os ecossistemas de inovação pertencem à categoria de sistemas adaptativos complexos, isso significa que todo ecossistema de inovação é único, historicamente evoluído e incorporado no tecido cultural e institucional da região (VALKOKARI, 2015; JUCEVICIUS et al., 2016).

Embora alguns ecossistemas de inovação, como o Vale do Silício, inspirem os gestores e políticas públicas de todo o mundo, seu padrão específico de emergência é quase impossível de replicar. Isso nos leva ao entendimento de que um ecossistema de inovação pode ser definido pela sua criação conjunta de valor entre atores interligados e interdependentes (GOMES et al., 2016). As relações desenvolvidas não são estanques, podendo representar ora cooperação, ora competição entre os envolvidos. A dinâmica dos papéis e formas de atuação evolui conforme o ciclo de vida do ecossistema, que segue um processo de coevolução.

Diante desse cenário, coloca-se como questões para o presente projeto de pesquisa: Quais são as principais características dos ecossistemas de inovação globais? Como são estruturadas e desenvolvidas as práticas colaborativas nesses ambientes? Qual é o papel das políticas públicas no desenvolvimento de ecossistemas de inovação? Qual é o papel das universidades no desenvolvimento de ecossistemas de inovação? Quais as principais diferenças ou semelhanças na dinâmica de colaboração entre os atores desses ambientes? Quais processos de imaginação, criação e projeto auxiliam o processo de colaboração e constituição do enredo ecossistêmico? Como ocorre a governança da cooperação nos ecossistemas estudados? Em síntese, a partir de uma perspectiva ecossistêmica, a inovação pode ser compreendida como a articulação de diversos processos: imaginação e criação, design e planejamento, organização e gestão, colaboração e cooperação, etc. O problema que se pretende abordar por meio deste projeto é a identificação das diversas contribuições trazidas por esses processos e, sobretudo, a compreensão de como se articulam elaborando sinergias inovadoras.

Relevância (900 caracteres)

O presente projeto oferece a oportunidade de estabelecer importantes parcerias internacionais de longo prazo com instituições reconhecidas e de excelência, estimulando a aprendizagem, a mobilidade e a produção científica de docentes e discentes, garantindo assim a consolidação de redes interdisciplinares de pesquisa e a promoção do Ecossistema Unisinos de C&T&I. O desenvolvimento da pesquisa interdisciplinar nesta área oportunizará a Unisinos tornar-se referência em assuntos que envolvam relações interorganizacionais e processos criativos em ecossistemas de inovação.

Insumo (3000 caracteres)

Recursos materiais e físicos necessários para consecução do projeto.

A execução do projeto requer diversos recursos que serão oferecidos pelas instituições parceiras, como acesso a internet e bancos de dados, salas para reuniões e seminários, além de serviços de apoio e biblioteca . Os serviços e materiais específicos para consumo (tradução e serviços de revisão de artigos, etc.) serão detalhados na seção de orçamento.

Discussão teórico-metodológica (9000 caracteres)

Síntese das opções teóricas do proponente, refletida na definição dos principais conceitos e variáveis envolvidos no projeto.

Pode contemplar resultados de estudos recentes e a definição de hipóteses da pesquisa.

Adicionalmente, contempla descrição de como o trabalho será desenvolvido para atingir os objetivos definidos.

Ecossistemas de Inovação

A preocupação com a inovação tem proporcionado amplos debates, sobretudo por sua importância no desenvolvimento e na competitividade de empresas, regiões e nações . Ao longo dos últimos 100 anos, o conceito de inovação, desde Schumpeter até os estudos mais modernos, tem estado ligado à mudança, ao aproveitamento de oportunidades, às novas combinações de recursos e, principalmente, à ciência e tecnologia. No entanto, evidenciam-se, desde a década de 90, alterações significativas que buscam salientar que a inovação não é somente um processo interno na empresa, mas provém de um imbricado contexto de estratégias colaborativas com os mais diversos atores do ambiente institucional (MAURI, 1996; VERGANTI, 2009; DELL'ERA, VERGANTI, 2010; ZURLO, 2010).

Autores como Rothwell (1995) indicam que a inovação é influenciada por uma variedade de relacionamentos externos. Powell et al., (1996) salientam que o lócus da inovação já não é mais empresa isolada, mas, cada vez mais, o contexto colaborativo na qual ela está inserida. Para Powell e Grodal (2006) no caso de indústrias intensivas em conhecimento as empresas individualmente não reúnem mais as condições necessárias para se manterem atualizadas, desenvolverem níveis elevados de P&D e comercializarem produtos inovadores. Algumas indústrias, como computadores, semicondutores, equipamentos de telecomunicações, biotecnologia, sistemas de comunicação e entretenimento têm adotado modelos mais abertos e colaborativos de inovação já há algum tempo. Para esses segmentos, o ponto central para o desenvolvimento da inovação está migrando do departamento de P&D centralizado para uma área de P&D integrada à pequenas empresas, universidades, centros de pesquisas, profissionais independentes, consultores e outros profissionais

globalmente dispersos, mas virtualmente conectados.

A necessidade de acessar conhecimento e outros recursos externos à empresa acentuou a relevância do ambiente no qual a empresa está inserida, denominados na literatura sob diversas formas, desde a visão mais clássica de sistemas de inovação (Lundvall, 1992; Nelson, 1993; Freeman, 1995) até conceitos mais contemporâneos, como no caso dos ecossistemas de inovação (Adner e Kapoor, 2010; Frenkel e Maital, 2014; Adner e Kapoor, 2016; DEN OUDEN, 2012). A utilização do termo “ecossistemas de inovação” cresceu substancialmente nos últimos anos, sendo empregado para explicar atividades inovadoras desenvolvidas em colaboração com uma vasta variedade de atores, como universidades, empresas, poder público, empreendedores individuais e sociedade civil organizada.

Apesar do reconhecimento da natureza específica de cada contexto, Durst e Poutanen (2013) listam diferentes fatores para a implementação bem-sucedida de ecossistemas de inovação: governança, estratégia, liderança, cultura organizacional, gerenciamento de recursos humanos, parceiros, tecnologia e cooperação. A interdependência entre os participantes do ecossistema também levanta a questão de como os ecossistemas são coordenados e gerenciados. Independente dos mecanismos de governança, pode-se dizer que os mesmos são centrais para a saúde e a estabilidade do ecossistema, pois impulsionam o desempenho coletivo, permitindo e facilitando a criação e compartilhamento de valor (Cusumano; Gawer, 2002; Autio; Thomas, 2014).

Frenkel e Maital (2014) apontam que cada vez mais pesquisadores e formuladores de políticas reconhecem que as inovações são geradas por ecossistemas complexos e dinâmicos que incluem atores centrais como governo, indústria e universidades. A dinâmica que envolve as relações entre esses três atores foi denominada Tríplice Hélice (Etzkowitz, 1998), em que o autor sustenta que estas interações são a chave para melhorar as condições de inovação em uma economia baseada no conhecimento. A proposta se ampara em três hélices, onde em uma delas, a indústria atua como o lócus de produção, na outra, o governo age como a fonte das relações contratuais que garantem a estabilidade das trocas e interações e, por fim, a hélice da universidade representa as fontes de novos conhecimentos e tecnologia, princípio gerador de economias baseadas no conhecimento (Etzkowitz, 1998).

Estudos empíricos têm demonstrado como cada um dos atores do tríade governo-indústria-academia podem atuar como catalisadores dos processos em um ecossistema de inovação. Schwartz e Bar-El (2015) argumentam que os governos nem sempre realizam adequadamente esse papel, gerando ações mal sucedidas na obtenção de um crescimento econômico ótimo em detrimento tanto da economia nacional como da própria indústria. Por sua vez, Leon (2013) defende que os ecossistemas de inovação podem ser orquestrados por universidades, uma vez que as mesmas passam a agir como uma indutora para o desenvolvimento e a transferência de conhecimentos e tecnologias disruptivas. Os casos do MIT, em Boston (Massachusetts, EUA) ou Stanford, em Palo Alto (Califórnia, EUA) são exemplos seguidos em outros lugares do mundo.

Neste cenário, uma organização é inovadora no momento que consegue participar com protagonismo desse enredo processual que se chama "ecossistema de inovação", visando a sustentabilidade (MAURI, 2010; FRANZATO et al. 2015). No escopo da internacionalização, hoje auxiliada pelas tecnologias da informação e da comunicação, tais ecossistemas ultrapassam os limites geográficos, podendo multiplicar-se pelas suas conexões globais. Assim, o ambiente passa a ser considerado um fator cuja influência nas estruturas organizacionais determinam algumas das características das organizações. A compreensão atual dos ecossistemas de inovação é caracterizada por um foco em instituições, como empresas, universidades, investidores, governos e suas interações. Embora exista uma vasta literatura sobre a dinâmica inovação em ecossistemas, os estudos recentes não têm identificado práticas, processos, recursos e ações que se tornam fundamentais neste cenário. Portanto, apesar do amplo desenvolvimento de estudos que envolvam ecossistema de inovação, algumas lacunas de conhecimento foram identificadas, para as quais pretende-se aportar algumas contribuições:

A) Estudos sobre ecossistemas não apresentam um consenso sobre como ecossistemas são formados e nem como acontecem seus processos de evolução (ADNER, 2007; CARAYANNIS, 2018; DEN OUDEN, 2012). Neste sentido, a avaliação de redes interorganizacionais, projetos colaborativos, empresas focais e estudos sobre a geração de valor se tornam fundamentais. A perspectiva epistemológica ecossistêmica encontra suas raízes no pensamento complexo. O método abordado por esta perspectiva valoriza especialmente as questões relacionais e processuais dos ecossistemas criativos, mais do que centrar-se nos elementos que os constituem, demandando um novo esforço disciplinar para lidar com a complexidade das relações que intercorrem entre os elementos e dos processos que desencadeiam (FRANZATO et al., 2015; FREIRE, DEL GAUDIO, FRANZATO, 2016). As estratégias organizacionais, inclusive as estratégias especificamente de design, passaram a se desdobrar em inúmeras relações ao longo de toda a cadeia de valor. A interatividade dessas relações – que permite uma recíproca influência entre todos os atores envolvidos no processo de produção do valor – faz com que a metáfora da cadeia de valor (PORTER, 1990) possa ser substituída pela metáfora da constelação de valor (NORMANN, RAMÍREZ, 1993; ALLEE, 2002). Nesse sentido, a organização em rede não descreve o processo de projeto apenas estruturalmente (redes de projeto: o sistema aberto e dinâmico dos atores e das relações que intercorrem entre eles), mas também processualmente (projeto em rede: a prática projetual dessas relações) (FRANZATO, 2017).

B) Não obstante haja uma vasta literatura que tem estudado o papel protagonista da universidade, o conjunto de resultados ainda não oferece um claro entendimento sobre o papel da universidade na inovação gerada por empresas. Em outras palavras, os estudos recentes não têm identificado quais são as práticas, os processos, os recursos e as ações que se tornam fundamentais neste cenário de interação com a empresa inserida em ecossistemas de inovação. Associada a esta lacuna, está a necessidade de

avaliar a importância da Universidade na transformação de ecossistemas de inovação. Estudos recentes revelam as universidades como o ator principal da interação que compreende a dinâmica inovativa no ecossistema de inovação. Países como Estados Unidos, Coreia do Sul, Israel e as principais economias europeias apresentam a ciência básica e aplicada como propulsor do empreendedorismo e da inovação (GHERARDINI; NUCCIOTTI, 2017). Nesses países, as universidades são vistas como catalisadores de desenvolvimento econômico e social das regiões, pois são consideradas incubadoras naturais, que geram novas ideias e tecnologias, promovendo a criação de novos negócios e oferecendo uma variedade de recursos que contribuem para criar uma vantagem competitiva sustentável (URBANO; GUERRERO, 2013). Conforme apontam Yusuf e Jain (2010), uma universidade empreendedora estrategicamente se adapta à mentalidade empresarial, praticando o empreendedorismo acadêmico em diversos níveis. Este pensamento empreendedor influencia o clima e o ambiente de trabalho organizacional da universidade, permitindo e facilitando as atividades de transferência de tecnologia (KIRBY, 2006; YUSOF; JAIN, 2010). As atividades e desenvolvimento empresarial não só tendem a contribuir para o crescimento organizacional, de rentabilidade e de criação de riqueza na universidade, como também impactam o ambiente externo e a economia como um todo, aumentando a produtividade, aprimorando práticas, criando novas indústrias e reforçando a competitividade de seu entorno, construindo um ambiente institucional de inovação.

C) Foram identificados esforços minoritários para o entendimento das ações para aumentar a competitividade de empresas intensivas em conhecimento, especialmente vinculados a elementos como capacidade inovativa, empreendedorismo e relações interorganizacionais. Empresas de países emergentes são consideradas *latemovers* quanto à competitividade global, apresentando desvantagens em termos de recursos e capacidades se comparadas às de países desenvolvidos (Child e Rodrigues, 2005; Keen e Wu, 2011). Entretanto, estudos sobre essas empresas têm demonstrado o aumento de sua importância e competitividade suportados por fatores internos (Lamin e Dunlap, 2011). Essa dicotomia entre a carência de recursos e a importância desses recursos para a competitividade faz com que estudos acerca de como empresas de países emergentes adquirem e desenvolvem recursos e capacidades tornem-se relevantes acadêmica e gerencialmente. Em ambientes altamente competitivos e mutáveis, como na indústria intensiva em conhecimento, o empreendedorismo, representando a habilidade para identificar, criar e internalizar oportunidades (Zahra, Abdelgawad e Tsang, 2011), associado à capacidade inovativa, podem contribuir para a competitividade por favorecerem a adaptação às mudanças ambientais (Breznik e Lahovnik, 2014) e a renovação e reconfiguração dos recursos e capacidades organizacionais (Ambrosini e Bowman, 2009). Mas, se os processos internos influenciam a competitividade, os relacionamentos interorganizacionais e ecossistêmicos antecedem esses processos (Eriksson, 2014). Em mercados emergentes os relacionamentos interorganizacionais são uma importante alternativa para se adquirir e desenvolver recursos (Luo e Tung, 2007; Un, Cuervo-Cazurra e Asakawa, 2010; Gammeltoft, Barnard, e Madhok, 2010). Particularmente, os

relacionamentos institucionais (governos, universidades, associações, etc.) no país de origem podem reduzir as deficiências do ecossistema competitivo e proporcionar maior competitividade às empresas (Ramamurti, 2008; Mudambi, 2008). Na internacionalização, empresas podem superar a escassez de recursos via redes internacionais, aproveitando a capacidade de rede para explorar oportunidades de mercado e para o desenvolvimento de produtos e serviços (Cavusgil & Knight, 2003). Mesmo sob essas considerações, algumas lacunas persistem: Como as empresas desenvolvem capacidades considerando os ecossistemas em que estão inserida? Qual a diferença entre empresas e ecossistemas de países emergentes e desenvolvidos? Como instituições e os ecossistemas dos países de origem podem influenciar as capacidades organizacionais e o comportamento competitivo?

d) Outra lacuna reconhecida nos estudos sobre dinâmica de ecossistemas, estão relacionados a inovação social e os impactos sociais (Howaldt et al., 2016). Para Westley e Antadze (2010) é um processo complexo de inserção de novos produtos, processos ou programas que geram impacto no sistema em que a necessidade social se desenvolveu, envolvendo mudanças institucionais e transformações sociais por meio de variadas interações, contribuindo para a resiliência social geral. Quando são bem-sucedidas, as inovações sociais têm durabilidade e conseguem amplo impacto, ou seja, escalabilidade. Tidd e Bessant (2015) argumentam que a inovação social possui muitas definições, salientando que a criação de valor e mudança social se destacam como o objetivo primordial, sendo que as aplicações podem ser as mais diversas, desde que relacionadas a impactos na sociedade, podendo estar direcionadas a soluções para pobreza, saúde, educação, emprego, desenvolvimento comunitário, meio ambiente, entre outros. Desta forma, as inovações sociais devem levar em conta a criação de valor social e, portanto, transformação social, com o objetivo de atender às necessidades sociais e melhorar o bem-estar humano ou ambiental. Uma inovação social percebida nessa perspectiva pode se manifestar no nível da interação e da prática social – abordagem mais voltada para processo – assim como pode se apresentar por meio de resultados tão tangíveis quanto um novo produto ou tecnologia. (CHOI; MAJUMDAR, 2015). Entende-se a transformação social como o resultado da prática social e da mudança social ocasionada pelas inovações sociais, o que ocorre devido à grande variedade de criações cotidianas que constituem estímulos e incentivos para refletir a respeito e possivelmente mudar as práticas sociais. Somente quando tais estímulos são absorvidos, levando a ter mudanças nas práticas sociais existentes, é que se espalham pela sociedade e constroem a coesão social por meio de atos de replicação, conduzindo, assim, à transformação social. (HOWALDT; DOMANSKI; KALETKA, 2016). A busca por soluções inovadoras que auxiliem na diminuição de desigualdades e outros problemas sociais (em ambientes institucionais desenvolvidos e em desenvolvimento) através da inovação social interorganizacional é uma das lacunas identificadas em nossa revisão. Para isso, tem-se a expectativa de que o entendimento do processo de formulação e desenvolvimento das inovações sociais e das relações estabelecidas pelos diversos atores, envolvidos nesta intervenção, possa contribuir para a transformação social dos

ecossistemas. Especialmente na última década, a inovação social vem, de forma crescente, tornando-se um tópico de debate para acadêmicos, organizações e comunidades.

e) Além das Inovações sociais, um tema relevante para os estudos sobre inovação, relaciona-se à inovação a partir de uma lógica responsável e do envolvimento de um conjunto importante de atores do ecossistema. A inovação responsável é definida nesta proposta como um processo coletivo envolvendo pesquisadores, inovadores e sociedade para pensar, discutir e atuar considerando a aceitabilidade, sustentabilidade e desejabilidade social das inovações (Stilgoe, Owen & Macnaghten, 2013). Em outras palavras, e inovação responsável preocupa-se com os efeitos gerados pela inovação (impactos) e o envolvimento de diferentes atores (stakeholders) ao longo do processo de desenvolvimento da inovação.

f) As revisões elaboradas pelo conjunto de pesquisadores que fazem parte deste projeto de pesquisa, também destacam lacunas em estudos sobre novas tecnologias e como elas afetam as relações sociais e estratégia de empresas em ecossistemas de inovação. Um exemplo proeminente de tecnologia relacionada a esta lacuna de pesquisa relaciona-se a Blockchain. Blockchain é uma tecnologia de banco de dados distribuída em rede, que armazena registros de transações de forma transparentes, anônima e segura (Swan, 2015). É a tecnologia que viabilizou a moeda Bitcoin e que tem servido de base para inovações disruptivas nas finanças, nos negócios e na sociedade em geral (Tapscott; Tapscott 2016), ao possibilitar, por exemplo, a eliminação de intermediários nos processos de transação. Como uma tecnologia em ascensão, o blockchain é complexo e sua curva de aprendizado é ainda muito íngreme. Os primeiros esforços acadêmicos têm centrado atenção nos aspectos tecnológicos do fenômeno, em especial na construção de padrões que possam guiar a adoção em massa do blockchain (Yli-Huumo et al., 2016; Miao; Yang, 2018). Do ponto de vista da estratégia empresarial, a dedicação ao estudo do fenômeno é mais recente (Iansiti; Lakhani, 2017), deixando aberta uma ampla avenida de oportunidades de investigação e de questões a serem resolvidas. Entre elas, uma problemática central para a estratégia é lidar com a desintermediação dos negócios. Grande parte da captura de valor ocorre exatamente por empresas que aproximam agentes e preenchem buracos estruturais (Burt, 1995). Assim, novos modelos de negócios terão que ser criados para gerar e capturar valor em uma economia orientada pelo blockchain. Dentro deste contexto, a lacuna principal desta temática relaciona-se à necessidade de compreender e aprimorar os modelos de negócios descentralizados em rede sem intermediários.

Perspectiva Metodológica

A pesquisa será realizada por meio de estudos de casos múltiplos e interdisciplinares, nacionais e internacionais de diferentes ecossistemas a fim de atender as principais lacunas elencadas no tópico anterior.

Os casos serão definidos a partir do caráter inovador de seus resultados e das práticas adotadas

pelos atores envolvidos no ecossistema de inovação.

A coleta de dados será por meio de entrevistas em profundidade e questionários. Outras fontes de dados, como análise de documentos e observação participante poderão trazer relevantes evidências para a pesquisa. A sistematização dos dados será realizada por meio da transcrição dos dados, elaboração de notas de campo e análise por meio do *software* de análise de conteúdo NVivo, Atlas.ti e/ou Tosmana, bem como, pelo suporte de softwares de análise quantitativos quando as coletas estiverem relacionadas.

Por fim, serão apontadas as principais evidências empíricas da pesquisa. As reflexões empírico-conceituais delineadas serão direcionadas no sentido de lançar luz sobre as questões centrais da pesquisa já apresentadas anteriormente.

Referências

Listar, conforme as normas da ABNT, as obras e autores consultados e citados no projeto.

ADNER, R. Real Options and Resource Reallocation Processes. In: REUER, J. J.; TONG, T. W. (ed.). **Real Options Theory (Advances in Strategic Management, Volume 24)**. Emerald Group Publishing Limited, p.363 - 372. 2007.

ADNER, R.; KAPOOR, R. Innovation ecosystems and the pace of substitution: Re-examining technology S-curves. **Strategic Management Journal**, v. 37, n. 4, p. 625-648, 2016.

ADNER, R.; KAPOOR, R. Value creation in innovation ecosystems: How the structure of technological interdependence affects firm performance in new technology generations. **Strategic management journal**, v. 31, n. 3, p. 306-333, 2010.

ALLEE V. Value Networks and Evolving Business Models for the Knowledge Economy. In HOLSAPPLE, C.W. (org). **Handbook on Knowledge Management**. International Handbooks on Information Systems. Berlin: Heidelberg: Springer, 2003.

AMBROSINI, V.; BOWMAN, C. What are dynamic capabilities and are they a useful construct in strategic management?. **International journal of management reviews**, v. 11, n. 1, p. 29-49, 2009.

AUTIO, E.; THOMAS, L. Innovation ecosystems. **The Oxford handbook of innovation management**, p. 204-288, 2014.

BREZNIK, L.; LAHOVNIK, M. Renewing the resource base in line with the dynamic capabilities view: a key to sustained competitive advantage in the IT industry. **Journal for East European management studies**, p. 453-485, 2014.

BURT, R. S. **Structural Holes: The social structure of competition**. Boston: Harvard University Press, 313 p., 2009.

CARAYANNIS, E. G.; GOLETIS, Y.; GRIGOROUDIS, E. Composite innovation metrics: MCDA and the Quadruple Innovation Helix framework. *Technological Forecasting and Social Change*, v. 131, p. 4-17, 2018.

CAVUSGIL, S. T.; KNIGHT, G. The born global firm: An entrepreneurial and capabilities perspective on early and rapid internationalization. **Journal of International Business Studies**, v. 46, n. 1, p. 3-16, 2015.

CHILD, J.; RODRIGUES, S. B. The Internationalization of Chinese Firms: A Case for Theoretical Extension? 1. **Management and organization review**, v. 1, n. 3, p. 381-410, 2005.

CHOI, N.; MAJUMDAR, S. Social innovation: towards a conceptualisation. In: **Technology and innovation for social change**. Springer, New Delhi, 2015. p. 7-34.

CUSUMANO, M. A.; GAWER, A. The elements of platform leadership. **MIT Sloan management review**, v. 43, n. 3, p. 51, 2002.

DURST, S.; POUTANEN, P. Success factors of innovation ecosystems-Initial insights from a literature review. **Co-create**, p. 27-38, 2013.

ERIKSSON, T. Processes, antecedents and outcomes of dynamic capabilities. **Scandinavian Journal of Management**, v. 30, n. 1, p. 65-82, 2014.

ETZKOWITZ, H. The norms of entrepreneurial science: cognitive effects of the new university-industry linkages. **Research policy**, v. 27, n. 8, p. 823-833, 1998.

FRANZATO, C. et al. Inovação Cultural e Social: design estratégico e ecossistemas criativos. In FREIRE, K. (org.). **Design Estratégico para a Inovação Cultural e Social**. São Paulo: Kazuá, 2015, pp. 157-182.

FRANZATO, C. Redes de projeto: formas de organização do design contemporâneo em direção à sustentabilidade. In: OLIVEIRA, A. J.; FRANZATO, C.; DEL GAUDIO, C.; (Org.). **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Editora Blucher, 2017, p. 99-110.

FREEMAN, C. The 'National System of Innovation' in historical perspective. **Cambridge Journal of economics**, v. 19, n. 1, p. 5-24, 1995.

FREIRE, K. M.; DEL GAUDIO, C.; FRANZATO, C. Estratégias de inovação social dirigida pelo design praticadas nos ecossistemas criativos. **rdis**, v. 2, n. 2, 2016, p. 236-249.

FRENKEL, A.; MAITAL, S. **Mapping national innovation ecosystems: Foundations for policy consensus**. Edward Elgar Publishing, 2014.

GAMMELTOFT, P.; BARNARD, H.; MADHOK, A. Emerging multinationals, emerging theory: Macro- and micro-level perspectives. **Journal of International Management**, v. 16, n. 1, p. 95-101, 2010.

GHERARDINI, A.; NUCCIOTTI, A. Yesterday's giants and invisible colleges of today. A study on the 'knowledge transfer' scientific domain. **Scientometrics**, v. 112, n. 1, p. 255-271, 2017.

GOMES, L. A. et al. Unpacking the innovation ecosystem construct: Evolution, gaps and trends. **Technological Forecasting and Social Change**, 2016.

HOWALDT, J. et al. Mapping the World of Social Innovation: A Global Comparative Analysis across Sectors and World Regions, a deliverable of the project. **Social Innovation: Driving Force of Social Change (SI-DRIVE)**, 2016.

HOWALDT, J.; DOMANSKI, D.; KALETKA, C. Social Innovation: towards a new innovation paradigm. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, n. 6, p. 20-44, 2016.

IANSITI, M.; LAKHANI, K. R. The truth about blockchain. **Harvard Business Review**, v. 95, n. 1, p. 118-127, 2017.

JUCEVICIUS, G. et al. The Emerging Innovation Ecosystems and "Valley of Death": Towards the Combination of Entrepreneurial and Institutional Approaches. **Engineering Economics**, v. 27, n. 4, p. 430-438, 2016.

JUCEVIČIUS, G. Innovation Culture: The Contestable Universality of the Concept. **Social Sciences (1392-0758)**, v. 58, n. 4, 2007.

KEEN, C.; WU, Y. An ambidextrous learning model for the internationalization of firms from emerging economies. **Journal of International Entrepreneurship**, v. 9, n. 4, p. 316-339, 2011.

KIRBY, D. A. Creating entrepreneurial universities in the UK: Applying entrepreneurship theory to practice. **The Journal of Technology Transfer**, v. 31, n. 5, p. 599-603, 2006.

LAMIN, A.; DUNLAP, D. Complex technological capabilities in emerging economy firms: The role of organizational relationships. **Journal of International Management**, v. 17, n. 3, p. 211-228, 2011.

LUNDEVALL, B. A. **National innovation system: towards a theory of innovation and interactive learning**. Pinter, London, 1992.

LUO, Y.; TUNG, R. L. International expansion of emerging market enterprises: A springboard perspective. **Journal of International Business Studies**, v. 38, n. 4, p. 481-498, 2007

MIAU, S.; YANG, J. M. Bibliometrics-based evaluation of the Blockchain research trend: 2008–March 2017. **Technology Analysis & Strategic Management**, p. 1-17, 2018.

MUDAMBI, R. Location, control and innovation in knowledge-intensive industries. **Journal of economic Geography**, v. 8, n. 5, p. 699-725, 2008.

NELSON, R. R. **National innovation systems: A comparative analysis**. New York: Oxford University Press, 1993.

NORMANN, R.; RAMÍREZ, R. From Value Chain to Value Constellation: Designing Interactive Strategy. **Harvard Business Review**, n. 71, p. 65-77, 1993.

PORTER, M. E. The competitive advantage of nations. **Competitive Intelligence Review**, v. 1, n. 1, p. 14-14, 1990.

POWELL, W. W. GRODAL, S. Chapter 3: networks of innovators. In: FAGERBERG, J., MOWERY, D. C., AND NELSON, R.R. (EDS). **The Oxford Handbook of Innovation**. New York: Oxford University Press. 2006.

RAMAMURTI, R. What Have We Learned about Emerging Market MNEs? In: RAMAMURTI, R.; SINGH, J.V. (Eds.), **Emerging Multinationals from Emerging Markets**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

ROTHWELL, R. et al. Industrial innovation: success, strategy, trends. **Chapters**, 1995.

SCHWARTZ, D.; BAR-EL, R. The role of a local industry association as a catalyst for building an innovation ecosystem: An experiment in the State of Ceara in Brazil. **Innovation**, v. 17, n. 3, p. 383-399, 2015.

STILGOE, J.; OWEN, R.; MACNAGHTEN, P. Developing a framework for responsible innovation. **Research Policy**, v. 42, n. 9, p. 1568-1580, 2013.

SWAN, M. **Blockchain: Blueprint for a new economy**. Garvenstein: O'Reilly Media, 2015.

TAPSCOTT, D.; TAPSCOTT, A. **Blockchain Revolution: how the technology behind bitcoin is changing money, business, and the world**. New York: Penguin, 2016, 366p.

TIDD, J.; BESSANT, J. **Gestão da inovação**. Bookman Editora, 2015.

UN, C. A.; CUERVO-CAZURRA, A.; ASAKAWA, K. R&D collaborations and product innovation. **Journal of Product Innovation Management**, v. 27, n. 5, p. 673-689, 2010.

URBANO, D.; GUERRERO, M. Entrepreneurial universities: Socioeconomic impacts of academic entrepreneurship in a european region. **Economic Development Quarterly**, v. 27, n. 1, p. 40-55, 2013.

VALKOKARI, K. Business, innovation, and knowledge ecosystems: how they differ and how to survive and thrive within them. **Technology Innovation Management Review**, v. 5, n. 8, 2015.

WESTLEY, F.; ANTADZE, N. Making a difference: Strategies for scaling social innovation for greater impact. **Innovation Journal**, v. 15, n. 2, 2010.

YLI-HUUMO, J. et al. Where is current research on blockchain technology?—a systematic review. **PloS one**, v. 11, n. 10, 2016.

YUSOF, M.; JAIN, K. K. Categories of university-level entrepreneurship: a literature survey. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 6, n. 1, p. 81-96, 2010.

ZAHRA, S. A.; ABDELGAWAD, S. G.; TSANG, E. W. K. Emerging multinationals venturing into developed economies: Implications for learning, unlearning, and entrepreneurial capability. **Journal of Management Inquiry**, v. 20, n. 3, p. 323-330, 2011.

AVITAL, M. The generative bedrock of open design. In: VAN ABEL, B. et al. (org.). **Open Design Now: Why Design Cannot Remain Exclusive**. Amsterdam: BIS publishers, 2012.

BENZ, I. M. G.; FRANZATO, C. The relationship between Strategic Design and Metadesign as

defined by the levels of knowledge of design. **Strategic design research journal**, v. 10, n. 2., p. 134-143, 2017.

BENZ, I.; FRANZATO, C. O metaprojeto nos níveis do design. In: 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2016, Belo Horizonte. **Anais do...** São Paulo: Editora Blucher. p. 1416-1428.

BISTAGNINO, L. **Design sistemico**. Progettare la sostenibilità produttiva e ambientale. Torino: Slow Food Editore, 2009.

BØDKER, K.; KENSING, F.; SIMONSEN, J. **Participatory IT design**: Designing for business and workplace realities. Cambridge: MIT Press, 2004.

Borgia, E. (2014). The Internet of Things vision: Key features, applications and open issues. *Computer Communications*, v. 54, pp. 1-31.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CELASCHI, F. et al. Systems and Design: Beyond Processes and Thinking. **Libro de Actas Systems & Design: Beyond Processes and Thinking**. València: Universitat Politècnica de València, 2016, p. 20-36. Disponível em: https://www.academia.edu/28712441/Systems_and_Design_Beyond_Processes_and_Thinking, acessado em 27/08/2016.

CELASCHI, F.; DESERTI, A. **Design e innovazione**: strumenti e pratiche per la ricerca applicata. Roma: Carocci Editore, 2007.

COLLINA, L. **Design e Metaprogetto**. Teorie, strumenti, pratiche. Milano: Edizioni POLI.design, 2005.

COUTO, R. **O ensino da disciplina de Projeto Básico sob o enfoque do Design Social**. 1991. Dissertação (Mestrado em Educação), Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1991.

DE MORAES, D. Metaprojeto como modelo projetual. **Caderno de Estudos Avançados em Design**, v. 5 (Método), 2011, pp. 35-121.

DE MORAES, D. **Metaprojeto**: o design do design. São Paulo: Blücher, 2010.

DE MUL, J. Redesigning design. In: VAN ABEL, B. et al. (org.). **Open Design Now: Why Design Cannot Remain Exclusive**. Amsterdam: BIS publishers, 2012.

DEL GAUDIO, C. **Design participativo e inovação social**. A influência dos fatores contextuais. 2014. Tese (Doutorado em Design), Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2014.

DEL GAUDIO, C.; FRANZATO, C.; OLIVEIRA, A. J. Hope against hope: tackling social design. **Journal of Design Research**, v. 14, p. 119-141, 2016b.

DEL GAUDIO, C.; FRANZATO, C.; OLIVEIRA, A. J. Sharing Design Agency with Local Partners in Participatory Design. **International Journal of Design**, v. 10, p. 53-64, 2016a.

DEL GAUDIO, C.; FRANZATO, C.; OLIVEIRA, A. J. The challenge of time in community-based participatory design. **Urban Design International**, v. 21, p. 1-14, 2016.

DELL'ERA, C.; VERGANTI, R. Collaborative Strategies in Design-intensive Industries: Knowledge Diversity and Innovation. **Long Range Planning**, v. 43, n. 1. 2010, pp. 123-141.

DEN OUDEN, E. **Innovation Design: Creating Value for People, Organizations and Society**. London: Springer, 2012.

DORST, K. **Frame Innovation**. Create New Thinking by Design. Cambridge: The MIT Press, 2015.

Dresch, A.; Lacerda, D.; Antunes Jr., J. A. V. **Design Science Research. Método de Pesquisa para Avanço da Ciência e Tecnologia**. Porto Alegre: Bookman, 2015, 204p.

FRANZATO, C. Metadesign. Letting the future design. In: V International Forum of Design as a Process - The Shapes of the future as the front end of innovation, 2014, Guadalajara. **Proceedings...** Guadalajara: Tecnológico de Monterrey, 2014b. v. 1. p. 90-96.

FRANZATO, C. O princípio de deslocamento na base do metadesign. In: 11º P&D, 2014, Gramado. **Anais...** São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014a, p. 1187-1196.

FRANZATO, C. O processo de inovação dirigida pelo design. Um modelo teórico. **Redige**, v. 2, n. 1, 2011, pp. 50-62.

FRANZATO, C.; HANAUER, R. *et al.* Co-Design for New Relations in an Open, Interactive City. In: **Northern World Mandate Cumulus Conference**. Helsinki: Aalto University, 2012b, pp. 1-11.

FRANZATO, C.; ZARAGOZA, N. M.; TORRES, M. O. The design consultancy as a hub for global projects - A networked design process across emerging countries. **Product (IGDP)**, v. 13, p. 38-46, 2015.

HILLGREN, P.A.; SERAVALLI, A.; EMILSON, A. Prototyping and infrastructuring in design for social innovation. **CoDesign**, v. 7, n. 3-4, p. 169-183, 2011.

HILLGREN, P.A.; SERAVALLI, A.; EMILSON, A. Prototyping and infrastructuring in design for social innovation. **CoDesign**, v. 7, n. 3-4, p. 169-183, 2011.

HOWALDT, J.; SCHWARZ, M. Social Innovation: Concepts, research fields and international trends Dortmund, 2010. Disponível em: <http://www.sfs-dortmund.de/odb/Repository/Publication/Doc%5C1289%5CIMO_Trendstudie_Howaldt_Schwarz_englische_Version.pdf>

IDEO. **Human centered design: Kit de ferramentas**, 2009. Disponível em: <http://www.ideo.com/work/human-centered-design-toolkit/>, acessado em 26/07/2014.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade**. Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, E. **Design, When Everybody Designs**. An Introduction to Design for Social Innovation. Cambridge, MA, USA: MIT Press, 2015.

Mattern, F., & Floerkemeier, C. (2010). From the Internet of Computers to the Internet of Things. In:

Sachs et al. (Orgs). From active data management to event-based systems and more, 242-259 Berlin, Springer.

MAURI, F. **Progettare, progettando strategia**. Il design del sistema prodotto. Milano: Dunod, 1996.

MERONI, A. Strategic design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline. **Strategic Design Research Journal**, v.1, n.1, 2008, p.31-38.

MORAES, A. M.; SANTA ROSA, J. G. **Design participativo**. Técnicas para a inclusão de usuários no processo de ergodesign de interfaces. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2012.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOZOTA, B. B. **Design Management**. Using Design to Build Brand Value and Corporate Innovation, Allworth Press, New York, 2003.

NEWMAN, M. E. J. **Networks**. An introduction. Oxford, UK - New York, NY, USA: Oxford University Press, 2010.

POWELL, W. W.; KOPUT, K. W.; SMITH-DOERR, L. Interorganizational Collaboration and the Locus of Innovation: Networks of Learning in Biotechnology. **Administrative Science Quarterly**, v. 41, n. 1, 1996.

SANDERS, E. B.; STAPPERS, P. J. Co-creation and the new landscapes of design. *CoDesign*, v. 4, n. 1, 2008, pp. 5-18.

SCALETSKY, C. (org.). **Design estratégico em ação**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2016.

SCOTT, J.; CARRINGTON, P. J. (org.). **The SAGE Handbook of social network analysis**. London, UK: SAGE, 2011.

SCOTT, J.; CARRINGTON, P. J. (org.). **The SAGE Handbook of social network analysis**. London, UK: SAGE, 2011, pp. 11-26.

SCRIVENER, S. A. R. Editorial. **CoDesign**, v. 1, n. 1, 2005, pp. 1-4.

VAN ABEL, B. et al. (org.). **Open Design Now: Why Design Cannot Remain Exclusive**. Amsterdam: BIS publishers, 2012.

VELASQUES, T. S.; FRANZATO, C.; DEL GAUDIO, C. Ecosistemas criativos: relações colaborativas e ação projetual nos coletivos criativos informais. In: IV International Conference on Design, Engineering, Management for innovation (IDEMi 2015), 2015, Florianópolis. **Proceedings...** Florianópolis: UDESC, 2015. v. 1. p. 2146-2157.

VERGANTI, Roberto. **Design Driven Innovation: Changing the Rules of Competition by Radically Innovating what Things Mean**. Boston: Harvard Business Press. 2009.

VON HIPPEL, E. **Democratizing Innovation**. Cambridge: The MIT Press, 2005.

ZURLO, F. 2010. Design Strategico. In: **XXI Secolo**, vol. IV, Gli spazi e le arti. Roma: Enciclopedia Treccani.

RESULTADOS

Objetivos	Tipo
<p>a) identificar as práticas, processos, ferramentas e recursos mais eficazes na promoção destes ambientes;</p> <p>b) entender o processo de desenvolvimento de ecossistemas de inovação;</p> <p>c) avaliar a importância da universidade na transformação de ecossistemas de inovação;</p> <p>d) entender os esforços para aumentar a competitividade de empresas intensivas em conhecimento nestes cenários;</p> <p>e) analisar variáveis mercadológicas (ex. Proposta de valor da empresa, tomada de decisão dos clientes, trocas e relacionamentos) no contexto de inovação;</p> <p>f) compreender as diferentes iniciativas de inovação social e os impactos gerados a partir da mobilização de diferentes atores ou em projetos interorganizacionais para a inovação social em ecossistemas;</p> <p>g) compreender a inovação a partir de uma lógica sustentável;</p> <p>h) analisar como novas tecnologias afetam as relações sociais e estratégia de empresas em ecossistemas de inovação;</p> <p>i) compreender o processo de infraestruturação de relações ecossistêmicas;</p> <p>j) Analisar as redes de colaboração, projeção e inovação que articulam os ecossistemas de inovação;</p> <p>k) avaliar o processo de tomada de decisão na complexidade das relações ecossistêmicas</p> <p>l) avaliar o processo de design e sua contribuição para a pesquisa em ecossistemas de inovação</p> <p>m) avaliar o processo de design e gestão das empresas inseridas em ecossistemas de inovação</p>	Específico
Compreender a dinâmica de ecossistemas de inovação a partir do papel desempenhado por diferentes atores como instituições, empresas, universidades, investidores, governos e suas interações em diferentes	Geral

contextos.	

Impactos Esperados	Tipo
<i>Indicadores de efeitos tardios primários e secundários esperados no médio e longo prazos, dos resultados de pesquisa e da atuação da equipe, sobre a área de inserção do projeto, no âmbito Formação, Ciência ou Tecnologia.</i>	
Identificação e desenvolvimento de novos processos de inovação e modelos de negócios inovadores, bem como a identificação de práticas, ferramentas e metodologias para o desenvolvimento de Ecossistemas de Inovação.	Tecnologia
Melhoria da qualidade técnica de professores e alunos - para impactar positivamente o contexto dos ecossistemas nacionais. Estimular futuros projetos, publicações e trabalhos conjuntos.	Formação
Popularizar e expandir e entendimento conceitual de ecossistemas de inovação.	Ciência

Produtos Propostos	Tipo	Quantidade
<i>(indicadores de efeitos tangíveis representados pelos produtos bibliográficos, técnicos ou artísticos a serem obtidos, imediatamente, ao término da pesquisa) Considerar as metas dos temas no item 3.3</i>		
Formação/capacitação de Docentes Pesquisadores (pós-Doutorado)	Técnico	8
Submissões de artigos para periódicos de alto impacto e conferências	Bibliográfico	5
Recebimento de Professores Visitantes	Técnico	9
Seminário/Workshop Internacional		2
Summer School1		1

Formação de doutorandos com experiência internacional (período “sanduíche”)	Técnico	15

IES PARTICIPANTES - cadastrar IES com quem já temos acordo

IES	País	PPGs
University of Stavanger	Noruega	Administração
<u>Evangelische Hochschule Freiburg</u>	Alemanha	Administração; Design
<u>Evangelische Hochschule Darmstadt</u>	Alemanha	Administração; Design
<u>Evangelische Hochschule Ludwigsburg</u>	Alemanha	Administração; Design
<u>Friedrich-Alexander- Universität Erlangen-Nürnberg</u>	Alemanha	Administração; Design
<u>Hochschule Mittweida</u>	Alemanha	Administração; Design
<u>Hochschule Ostwestfalen-Lippe</u>	Alemanha	Administração; Design
<u>Katholische Universität Eichstätt</u>	Alemanha	Administração; Design
<u>Pforzheim University of Applied Sciences</u>	Alemanha	Administração; Design
<u>Technische Universität Braunschweig - Institut für Regelungstechnik</u>	Alemanha	Administração; Design
<u>Universität Bayreuth</u>	Alemanha	Administração; Design
<u>Universität Siegen</u>	Alemanha	Administração; Design
<u>University of Applied Sciences Landshut</u>	Alemanha	Administração; Design

<u>King's College- Western University</u>	Canadá	Administração
<u>Université de Montreal – HEC Montréal</u>	Canadá	Administração
<u>Université Laval</u>	Canadá	Administração; Design
<u>University of Manitoba – Asper School of Business</u>	Canadá	Administração
<u>Vancouver Film School</u>	Canadá	Design
	França	
<u>Universidade Alcalá</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad de Córdoba - Facultad de Ciencias Económicas e Empresariales</u>	Espanha	Administração
<u>Universidad de Deusto</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad de Murcia</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad de Salamanca</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad de Santiago de Compostela</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad de Sevilla</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad de Valladolid</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad de Vigo</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad de Zaragoza</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad Loyola Andalucía</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad Nacional de Educación a Distancia</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad Pontificia Comillas</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad Ramón Llull - Institut Quimic de Sarria</u>	Espanha	Administração; Design

<u>Universidad Ramón Llull - La Salle</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universidad Ramón Llull - Pere Tarres</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universitat Autònoma de Barcelona</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universitat Jaume I de Castelló</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Universitat Politecnica de Valencia</u>	Espanha	Administração; Design
<u>Florida International University</u>	Estados Unidos	Administração; Design
<u>Fordham University</u>	Estados Unidos	Administração; Design
<u>Georgia Tech Institute of Technology</u>	Estados Unidos	Administração; Design
<u>Le Moyne College</u>	Estados Unidos	Administração; Design
<u>Marquette University</u>	Estados Unidos	Administração; Design
<u>Santa Clara University</u>	Estados Unidos	Administração; Design
<u>The University of North Carolina - Chapel Hill</u>	Estados Unidos	Administração; Design
<u>University of California Berkeley</u>	Estados Unidos	Administração; Design
<u>University of Missouri</u>	Estados Unidos	Administração; Design
<u>University of Nebraska Lincoln</u>	Estados Unidos	Administração; Design
<u>University of South Florida</u>	Estados Unidos	Administração; Design
<u>University of Wisconsin-Milwaukee</u>	Estados Unidos	Administração; Design
<u>Politecnico di Milano</u>	Itália	Design
<u>Università degli Studi di Firenze</u>	Itália	Administração; Design
<u>Università degli Studi di Padova</u>	Itália	Administração; Design
<u>Università degli Studi di Genova</u>	Itália	Administração; Design
<u>Université de Poitiers</u>	França	Administração

<u>Université Lumière Lyon 2</u>	França	Administração
----------------------------------	--------	---------------

6 OUTRAS INFORMAÇÕES

Informações referentes a operacionalização do projeto poderão ser esclarecidas através dos documentos disponíveis em <http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/multinacional/programa-institucional-de-internacionalizacao-capes-print>

Versão inglês parcial do edital está disponível em: https://www-overseas-news.jsps.go.jp/wp/wp-content/uploads/2017/12/CAPES-PrInT-Public_call.pdf